



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

AS "MONITORIAS" COMO ATIVIDADE DE AUTOSSERVIÇO E TRABALHO COLETIVO NO COLÉGIO AGRÍCOLA DE FRANCISCO BELTRÃO/PR

Nara Tatiana Costa

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão/PR.
naratatianacosta@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a importância das monitorias enquanto atividade de autosserviço e trabalho coletivo, haja vista que é uma prática educativa desenvolvida no Colégio Agrícola de Francisco Beltrão/PR. Trata-se de um recorte da dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado em Educação da UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão/PR. A pesquisa propôs-se discutir os desafios da educação politécnica numa instituição de Ensino Médio Técnico e Profissional, voltado aos filhos dos trabalhadores do campo. Nesse contexto, um estudo de caso foi desenvolvido no sentido de propor algumas reflexões acerca de um projeto educativo que tem o trabalho como categoria implícita nas práticas educativas, estas somam-se em diversidade, porém, neste texto em especial, destaque foi dado às monitorias como forma de auto-organização dos alunos que estudam em regime de internato, auto-organização enquanto elemento da educação politécnica. Por fim, as considerações buscam representar que com base no autosserviço, a orientação para o trabalho do projeto educativo do Colégio Agrícola torna-se mais significativo ao aluno. Desde o primeiro momento em que inicia sua formação são orientados, aprendem, realizam e fazem parte do trabalho. Acredita-se assim que a discussão da relação educação e trabalho, a partir dos princípios da politécnica é importante ao desafio de um projeto educativo de inserção do jovem do campo na condição de trabalhador politécnico.

Palavras-chave: monitorias, autosserviço, trabalho coletivo, Colégio Agrícola.

Introdução

O texto ora apresentado é fruto de uma “pequena” parte dos escritos que teceram a dissertação de mestrado sob o tema “Os desafios da educação politécnica no Colégio Agrícola de Francisco Beltrão/PR. Dentre as práticas consideradas pertinentes para uma educação politécnica e que foram uma a uma elencadas e discutidas no corpo da dissertação, elegeu-se as monitorias como forma de autosserviço e trabalho coletivo para compor o presente.

O Colégio Agrícola está situado na Linha Santa Bárbara, interior do município de Francisco Beltrão/PR. Atende adolescentes do meio agrícola, filhos de trabalhadores, em sua maioria da agricultura familiar de mais de 40 municípios do Sudoeste, Oeste e Centro do Paraná e Oeste de Santa Catarina, que recebem uma educação profissional e técnica, com



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

aulas teóricas e práticas da Base Nacional Comum e também da Área Técnica. Portanto, um tipo de organização curricular distinta das demais instituições de ensino e que prevê uma educação também distinta.

O regime de educação integrada presente possibilita que os alunos permaneçam internos no transcorrer da semana. O fato de “morarem” no Colégio de segunda-feira a sexta-feira, limparem e organizarem os quartos, os banheiros, o refeitório sob a forma das monitorias que realizam, tornam-se pertinências que necessitam de melhor entendimento, pois modificam o fazer educativo e a formação dos alunos.

No contexto mencionado, minha atividade principal se caracteriza pelo envolvimento direto enquanto pedagoga de internato, no auxílio dos alunos em sua capacidade de autogestão nesse espaço de convivência fora de sala de aula. Bem como, nos ambientes que caracterizam o internato (alojamentos, refeitório) espaço em que realizam a própria gestão das atividades necessárias para manter o ambiente que utilizam.

Neste sentido, é intenção realizar a análise da importância que se revela nas monitorias enquanto atividade de autosserviço e trabalho coletivo, categorias presentes na formação politécnica.

Metodologia

A opção metodológica eleita foi a qualitativa, caracterizada por Goldenberg (2004, p. 50) como imersão profunda, capaz de atingir níveis de compreensão que não podem ser conseguidos na forma quantitativa. É uma abordagem metodológica de pesquisa pautada, pois, na observação participante, nas entrevistas e na análise de diferentes fontes que possam ser cruzadas. Lüdke e André (1986) mencionam que a abordagem qualitativa da pesquisa tem a preocupação com o processo em si, presente em todo transcorrer da pesquisa, o que interessa ao pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos elementos e no cotidiano.

Num esforço de análise de totalidade do objeto de estudo é necessário ir à raiz na busca pela síntese das determinações que se revelam no concreto. Logo, essa ação teórica exige um pesquisador crítico e não crédulo puramente no que está posto como verdade única.

A primeira atitude seria a posição na qual o pesquisador se conservaria fora da contradição, a examinaria e enunciaria à distância, quando o que lhe compete fazer é instalar-se no âmago das contradições objetivas e pensá-las e expô-las de dentro delas mesmas. (PINTO, 1979, p. 211)



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Aqui temos um contexto definido, particular, um caso a ser estudado, mas constituído numa totalidade a ser investigada. Gil (1991) revela a íntima relação que a totalidade expressa com a metodologia de estudo de caso. Assim, refere-se: “*A ênfase na totalidade: No estudo de caso, o pesquisador volta-se para a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo*” (GIL, 1991, p. 60).

Neste sentido, o estudo de caso ganha expressão qualitativa ao possibilitar um amplo aprofundamento no objeto subsidiado pelo referencial teórico que garantirá análise e reflexões teóricas científicas para o desenvolvimento da pesquisa. Como aponta Goldenberg (2004), o estudo de caso assemelha-se a um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, possibilita a penetração na realidade social.

Como procedimentos de coleta e análise dos dados, desenvolveram-se o estudo exploratório a partir da análise de documentos, a observação participante e entrevistas semi-estruturadas, buscando reunir o maior número de dados possíveis com a intenção de captar ao máximo a totalidade

Segundo Neto (1999), tanto a entrevista quanto a observação participante são componentes importantes ao se pensar em pesquisa qualitativa. Quanto à primeira, busca apreender as informações diretamente do contexto pesquisado, já que “nela geralmente acontece a liberação de um pensamento crítico reprimido e que muitas vezes nos chega em tom de confiança” (NETO, 1999, p. 57). Fica clara a profundidade de análise de um material assim tão precioso, vindo da experiência e da vida do entrevistado que foram, aqui neste texto, identificados a partir de números e não codinomes.

Já a observação participante foi eleita como instrumento de coleta de dados, porque não poderia ser diferente, haja vista que a pesquisadora está inserida no contexto da pesquisa, ou seja, trabalha no Colégio Agrícola e seu objeto está direta e unicamente direcionado a essa realidade.

Resultados e discussões

Em 2014 cerca de 270 alunos conviveram em regime Internato, oriundos de 40 municípios do Sudoeste e Oeste do Paraná e Oeste de Santa Catarina, sendo sua maioria 80% filhos de pequenos agricultores, 10% urbanos com ligação ao meio rural e 10% exclusivamente urbanos. Já em 2015 foram 261 alunos internos, com 40 externos dos cursos subsequentes. As porcentagens se alteram e passam a ser

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

70% de alunos filhos de pequenos agricultores, 15% urbanos com ligação ao meio rural e 15% exclusivamente urbanos.

Os alunos internos seguem uma rotina com horários predefinidos, têm hora para café da manhã, almoço, lanches e jantar, de entrada, de saída e permanência nos alojamentos, para apagar todas as luzes e dormir à noite. Estes são estipulados a partir das atividades pedagógicas e necessidades das atividades físicas de jovens que estudam em regime de internato.

São três anos de permanência no internato, sendo o primeiro ano o mais difícil de ser administrado. Afinal, nesse primeiro ano, os alunos necessitam conviver com uma gama variada de situações, destacando as dezoito disciplinas da Base Nacional Comum e da Área Técnica, como ainda: morar num alojamento, especificamente com mais sete colegas de quarto; realizar monitorias (lavar louça, servir o lanche); limpar o banheiro e quarto; deixar do convívio do lar durante a semana, entre outros. Ou seja, além de suas especificidades particulares, necessitam atender as da coletividade.

As atividades desenvolvidas no Internato procuram envolver os alunos na auto-organização dos estudos e de outras atividades escolares, como as atividades extras realizadas no período noturno, com acompanhamento de uma pedagoga de internato que orienta nesse processo. É no período noturno que acontecem os grupos de estudo, com metodologia própria. Momento que são traçadas regras para que se tenha uma organização e que o trabalho teórico e prático desenvolvido atinja seu objetivo: a formação.

Destarte, para todo esse processo com alunos internos, a importância das "Monitorias", enquanto trabalho voltado para a coletividade e manutenção dos espaços. Até mesmo os alunos da Modalidade Subsequente, que não são internos no Colégio, realizam as "Monitorias" nos momentos em que se encontram no espaço escolar.

Diariamente no refeitório são quinze monitores com funções diferenciadas: entregar louças e talheres, limpeza das mesas e chão, lavar, enxaguar, secar e guardar louças, atender a porta de entrada e de saída, controlar a fila, auxiliar as cozinheiras na reposição de alimentos. Um "monitor geral" é eleito e recebe uma pasta com todas as planilhas de serviço e tem a tarefa de organizar o grupo de alunos que irá executar a monitoria na semana como combinar os horários e a definição dos postos de serviço.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Imagem 17: alunos em atividade de monitoria no refeitório



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2015)

O "monitor geral" também é encarregado de preencher o registro diário de problemas, dificuldades e fatos ocorridos no refeitório. Esse registro serve para discutir com a pedagoga de internato quais as melhores ações a serem tomadas perante as dificuldades, se é necessário redefinir alguns pontos, chamar monitores para conversar separadamente e detalhes afins.

A "Monitoria" é também importante para que os alunos manifestem diversos e diferentes comportamentos de responsabilidades pela maneira de ser de cada um. Quando ingressam no Colégio Agrícola, trazem de sua vida familiar e do convívio social geral todo o histórico que os constitui: como foram educados, aprendizagens sociais nas instituições que conviveram, relacionamentos pessoais entre outros. O Colégio Agrícola torna-se um espaço desafiador, afinal, no seio da família os conflitos, as contradições são diferentes, particulares de um convívio restrito e privado. No Colégio, as relações acontecem num ambiente coletivo permeado por diferentes visões de mundo.

As "Monitorias" visam sempre o coletivo, é um espaço coletivo, público e não individual, um princípio que não pode ser descartado e sim avaliado e levado em consideração quando o assunto é educação politécnica, ou seja, o coletivo é um elemento fundante da educação politécnica. A partir disso é possível refletir, observar que, enquanto um aluno está comendo, tem um colega lavando a sua louça, sabendo que na semana anterior ou na seguinte foi/será a sua vez. Alguns demonstram mais facilidades nas atividades de autosserviço e também na reflexão coletiva, outros demoram mais para o entendimento da necessidade elementar de auto-organização pessoal a partir do trabalho que é educativo.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A educação para o trabalho deve começar com o trabalho cotidiano, de autosserviço. Para que o estudante seja conduzido às mais altas formas de trabalho industrial, é preciso passar ele mesmo por um determinado período de acumulação de grande variedade de habilidades de trabalho; é preciso começar a partir daqueles com os quais ele se encontra na vida cotidiana. (PISTRAK, 2015, p.172)

Como observa o professor 01, “o professor faz a parte dele científica, mas ele [aluno] tem todo um acompanhamento no Colégio, quanto à higiene, os pais se surpreendem quando ele volta para a casa com sua transformação”¹. Refere-se aos trabalhos pessoais, trabalho do dia a dia, o autosserviço enquanto trabalho educativo, capaz de criar novos valores nos alunos que são importantes para sua formação enquanto coletividade e que retornam para a sociedade.

O autosserviço na escola pode contribuir na aquisição de uma série de hábitos, de valores que poderão ajudar na constituição de um novo modo de vida, necessário para a formação dos homens e das mulheres que irão construir a sociedade que almejamos. Contribuí, também, na compreensão de que para viver há algumas tarefas indispensáveis, as quais não são responsabilidade de um gênero específico, de uma determinada função, de um funcionário, mas de todo um coletivo que vive naquele ambiente. O autosserviço estabelece, desta forma, que meninos e meninas têm a mesma capacidade e que juntos podem se desenvolver e aprender. (RITTER, GREIN, SOLDA, 2015, p. 134).

Nas atividades de autosserviço não acontecem diferenciações entre alunos do gênero feminino e masculino, já que essas atividades são realizadas por ambos, mais um aspecto a ser ressaltado como possibilidade de educação politécnica. Mesmo considerando que os Colégios Agrícolas ainda recebem um número inferior de procura por alunos do gênero feminino, busca-se tratar a todos com igualdade, pois o que se destaca é a coletividade e não o gênero.

Pistrak (2015) ainda destaca a importância das pequenas coisas que estão presentes e caracterizam o trabalho do tipo caseiro. São pequenas coisas que não podem passar despercebidas pela educação que se diz em comunhão com o trabalho, que estão presentes no dia a dia e necessitam ser entendidas e realizadas.

Devemos ensinar a criança a *ordenar* corretamente o seu trabalho, não fazer movimentos desnecessários, gradualmente ensiná-las a *planejar* o seu trabalho e *gastar as suas forças de forma econômica*. Isto pode ser bem feito em muitos (senão em todos) trabalhos simples como a limpeza dos aposentos, a limpeza sala de aula, a limpeza dos pratos, etc. (PISTRAK, 2015, p. 173, grifos do autor)

¹ Entrevista realizada em 23/06/2015 nas dependências do Colégio Agrícola.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Do simples para o complexo, as "Monitorias" auxiliam nos primeiros passos, enquanto as aulas teóricas e práticas permeadas pelo conhecimento e trabalho vão elevando ao complexo. Existe, assim, um caminho que se constrói aos poucos e se complementa com práticas diferenciadas que formam também o humano, para a totalidade.

Imagem 18: aluno realizando atividade de monitoria semanal no refeitório



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2015)

Com base no autosserviço, a orientação para o trabalho do projeto educativo do Colégio Agrícola torna-se mais significativo ao aluno. Desde o primeiro momento em que inicia sua formação no Colégio são orientados, aprendem, realizam e fazem parte do trabalho.

O processo de orientação para o trabalho que os alunos realizam é contínuo nas "Monitorias", nas atividades de trabalho diárias do internato ou nas práticas educativas de ensino. Inserir-se no trabalho, aos poucos, revela uma mudança de atitude nos alunos: já se deslocam nos ambientes (pátios e calçadas) com melhor organização, o tom de voz é redimensionado para cada situação, o lixo do refeitório é retirado sem transtornos, pouco se observa alunos imersos nas mídias (televisão e os celulares). O professor 06 observa tais aspectos relacionados ao uso da tecnologia:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

– O Colégio Agrícola tem uma característica histórica voltada para o campo, meio rural. Eu acredito que esse fator é o que faz o diferencial do Colégio, inclusive com o aluno urbano. A questão de educação, de estar pronto para qualquer atividade, mas principalmente como sujeito humano. Os alunos do Colégio Agrícola são muito mais preparados, politizados, não tão ligados ao mau uso das tecnologias. Um dos motivos que eu continuo trabalhando e tenho meu filho estudando aqui.²

O professor utiliza o termo "mau uso da tecnologia", mas isso não no sentido de negar a tecnologia, e sim a forma como esta é utilizada por muitos, por vezes, sem limitação de tempo e espaço. Além dos alunos do Colégio voltar-se para os estudos, também buscam conversar, cantar, tocar violão, contar histórias pelo pátio etc., ao invés de apenas assistir televisão e manipular seus celulares. Muitas vezes trocam experiências da utilização das tecnologias presentes nos celulares modernos, como destaca o professor 02:

– Professora já viu esse programinha? É um aplicativo de celular do tipo *andróide*. Fotografa a planta doente e já puxa nos arquivos a doença que é. É obvio que precisa ter formação para entender isso; não basta só a informação, mas tem que saber utilizar, a formação para o campo é diferente.³

A formação para o campo tem o trabalho como base formativa, a partir da organização necessária realizada pelos profissionais do Colégio, que torna os jovens alunos capazes não só de executar, mas de entender sobre o trabalho durante sua vida escolar no Colégio e a levarem para a sociedade. Entender igualmente que não fazem o trabalho por fazer, como diz a professora 07, que “não é trabalho escravo”⁴ é educativo.

O trabalho não necessita ser visto como algo forçado. A escola pode educar pelo trabalho, fortificando princípios politécnicos, já que os alunos levam isso para sua vida social (família, comunidade, instituições). Por que não plantar árvores nos espaços externos ao Colégio, como na comunidade? Nos canteiros e entorno do Colégio os alunos fazem isso, é também educação. Shulgin (2013, p.83) destaca: “[...] eu gostaria que um professor, pensando nesta questão, sempre tivesse em vista quatro aspectos: produção, família, rua, instituições culturais e de ensino [...]”. Significa que é possível construir o novo, mesmo que “construir” desobedeça à regra do “pronto e acabado”, pois sempre se encontrará elementos diferentes no caminho da construção. É o conhecimento que está sempre presente, mantém relações com a realidade e também com a história. A partir dessas relações é possível reconhecer que existem

² Entrevista realizada em 06/10/2015 nas dependências do Colégio Agrícola

³ Entrevista realizada em 24/06/2015 nas dependências do Colégio Agrícola.

⁴ Entrevista realizada em 06/10/2015 nas dependências do Colégio Agrícola.
(83) 3322.3222



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

outros caminhos e objetivos que não buscam somente reproduzir o que está posto como verdade pronta e acabada.

Imagem 19: alunos do Colégio Agrícola plantando árvores nas estradas de uso da comunidade



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2015)

O trabalho tem um sentido coletivo, que busca um objetivo comum. Nas palavras de Lunatcharski (1988):

Queremos educar um homem que venha a ser o coletivista da nossa era, que viva muito mais intensamente a sua vida social que os seus interesses pessoais. O cidadão novo deve ter uma ardente percepção das relações político-econômicas, características da construção do socialismo, vivê-las e amá-las, ver nelas o objetivo e o conteúdo da sua vida. A sua atividade, conseqüentemente, seja qual for a direção em que se exerça (trabalho de organização ou simples trabalho físico), deve constantemente ser alumiada por essa chama e em conformidade com todo o coletivo. O homem deve pensar como nós e ser o órgão vivo e conforme a uma parte desse nós. Todos os interesses pessoais devem ser relegados a segundo plano. (LUNATCHARSKI, 1988, p. 22)

O que não significa que os traços de personalidade dos alunos sejam desrespeitados, modificados, perdendo a originalidade. Mas sim que o coletivo se sobressaia ao individual. Que o individual se desenvolva a partir do coletivo. Nessa formação, os alunos tornam-se igualmente capazes de refletir e interpretar a realidade, bem como compreender a divisão do trabalho e que o trabalho de muitos podem direcionar-se para uma atividade comum a todos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

[...] isso não significa que queiramos apagar as preocupações reais, as preocupações quanto à satisfação das nossas próprias necessidades, do instinto pessoal. Só dizemos que isso deve vir depois dos imperativos da vida coletiva. (LUNATCHARSKI, 1988, p.22)

Para compreender a organização do trabalho e suas relações sociais, a educação volta-se para os interesses do ser, da pessoa humana em sociedade. O caminho da formação social compreende a criação. A sociedade não se apresenta pronta e acabada; ela é formada, edificada dessa ou daquela maneira, e nesse entremeio que a pessoa internaliza as determinações e torna-se resultado do meio social e se constitui a partir do trabalho que realiza. Ao entender o trabalho como fundamento da vida e executá-lo desde a tenra idade, percebem a relevância de não se habituar, acreditando ser válido tirar vantagem, explorando o trabalho do outro. Conforme observa Frigotto (2001), ao referenciar-se nos pensamentos de Gramsci quanto à constituição social dos jovens como "mamíferos de luxo":

Trata-se de um pressuposto ético-político de que todos os seres humanos são seres da natureza e, portanto, têm a necessidade de alimentar-se, proteger-se das intempéries e criar seus meios de vida. Socializar, desde a infância, o princípio de que a tarefa de prover a subsistência, pelo trabalho, é comum a todos os seres humanos, é fundamental para não criar indivíduos, ou grupos, que exploram e vivem do trabalho de outros. Na expressão de Antônio Gramsci, para não criar mamíferos de luxo. (FRIGOTTO, 2001, p.41)

Percebe-se a importância de aliar educação e trabalho em todas as esferas, inclusive da organização para a autogestão, que se soma aos princípios da politecnicidade. Prática que exige disciplina, formação de capacidades de todas as instâncias possíveis para o trabalho humanizado. A escola unitária proposta por Gramsci comunga com a ideia da autodisciplina intelectual e física. Comunga igualmente com a organização para o trabalho, assim, as monitorias revelam-se aos alunos como um esforço no princípio para posteriormente passar para, mais que um hábito, uma necessidade.

Conclusões

Somam-se diversas potencialidades educativas de grande valor no Colégio Agrícola, destaque para o trabalho de autosserviço que desvincula o jovem do individualismo vantajoso e traz a compreensão do coletivo como forma de respeito e educação, onde o espaço compreende o eu e o outro. Além de preparar as bases para o trabalho que realizará amanhã.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

É uma prática pedagógica que, aos poucos, tornam os alunos capazes de auto-organização e implica diretamente no processo de aprendizagem. Na direção da compreensão do complexo social, que está fora e dentro do espaço escolar.

A importância do autosserviço é reconhecida no momento que as primeiras noções do trabalho são atribuídas e executadas, ou seja, com o tempo, o que era simples noções de trabalho se torna imperativo para o desenvolvimento pessoal e intelectual do aluno. No futuro as habilidades e técnicas que desenvolve com o autosserviço lhe facilitarão o trato com as diversas situações da vida. Ele é a base da educação para o trabalho que acontecerá de forma mais significativa por conta do autosserviço presente no cotidiano, é a preparação primeira, a base, o princípio, por assim dizer, de uma educação politécnica – de caráter técnico, científico, mas também político, humano como um todo.

Referências Bibliográficas

- FRIGOTTO, G. **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século 5 ed.** Petrópolis: Vozes, 2001.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar, como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.
- LUNATCHARSKI, A. **Sobre a Instrução e a Educação.** Tradução de Filipe Guerra. Tradução para o português Edições Progresso, 1988.
- NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 14ª ed. São Paulo: Vozes, 1999.
- PINTO, A. V. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica.** 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979.
- PISTRAK, M. M. **Ensaio sobre a escola politécnica.** 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- RITTER, J; GREIN, M. I; e SOLDA, M. A questão do trabalho na Escola Itinerante. In: **Caminhos para transformação da escola: organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo: ensaio sobre complexos de estudo.** 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015. P. 133-142.
- SHULGIN, V. N. V. **Rumo ao politecnismo (artigos e conferências).** 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.